



ISSN: 1981-8963

ORIGINAL ARTICLE

FEELINGS RELATED TO CONJUGAL INFIDELITY: A STUDY WITH COLLEGE STUDENTS

SENTIMENTOS RELACIONADOS À INFIDELIDADE CONJUGAL: UM ESTUDO COM UNIVERSITÁRIOS

SENTIMIENTOS RELACIONADOS A LA INFIDELIDAD MATRIMONIAL: UN ESTUDIO CON UNIVERSITARIOS

Morgana do Nascimento Andrade¹, Ivana Suely Bezerra de Mello², Cristina Maria de Souza Brito Dias³

ABSTRACT

Objective: to investigate the conjugal infidelity, from the opinion of students of the University Center of João Pessoa/UNIPÊ. **Method:** the sample consisted of 100 heterosexuals persons, with average age of 22.69 years old, being 51 of them from the male sex and 49 from the female sex. In the analysis of the results, it was used the Likert scale of 5 points, to measure the degree of agreement and disagreement of the respondents of feelings related with the conjugal infidelity. The results have been analyzed regarding frequency and percentage. **Results:** concerning have being or not betrayed the partner, regarding to the sex, it was obtained the percentage of 33% of men against 11% of women declared to have already betrayed; and 40% of women against 16% of men declared never having done it. The feelings in a situation of conjugal infidelity manifested by men were: regretting, remorse and adventure; and by women: adventure, sorrow, and remorse. Regarding the matter about having been betrayed or not by the partner; 12% of men against 28% of women related to have been betrayed; and 37% of men against 23% of women declared the opposite. **Conclusion:** it is concluded that women are more loyal; that in both sexes, feelings like regretting, anger and desire of knowing the reason are present in the betrayers and betrayed ones. **Descriptors:** marriage; sexuality; adult; assistance.

RESUMO

Objetivo: investigar os sentimentos referentes à infidelidade conjugal na visão de estudantes do Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ. **Método:** a amostra constituiu-se de 100 sujeitos, heterossexuais, com média de idade de 22,69 anos, sendo 51 do sexo masculino e 49 do feminino. Utilizou-se uma escala tipo Likert para mensurar o grau de concordância e discordância dos respondentes relacionados às crenças e aos sentimentos relativos à infidelidade conjugal. Os resultados foram analisados em termos de frequência e percentual. **Resultados:** com relação a ter traído ou não o parceiro, em função do sexo, obteve-se o percentual de 33% por parte dos homens contra 11% das mulheres; além disso, 40% das mulheres contra 16% dos homens declararam nunca haver traído. Os sentimentos manifestados pelos homens em situação de infidelidade conjugal foram: arrependimento, remorso e aventura; e pelas mulheres: aventura, angústia e remorso. Na questão acerca de haver sido ou não traído pelo parceiro 12% dos homens contra 28% das mulheres relataram ter passado por esta experiência; e 37% dos homens contra 23% das mulheres declararam que nunca o foram. **Conclusão:** as mulheres mostraram-se mais fiéis e, em ambos os sexos, sentimentos de arrependimento, raiva, e a vontade de saber o motivo estão presentes tanto nos que traíram como nos que foram traídos. **Descritores:** casamento; sexualidade; adulto; assistência.

RESUMEN

Objetivo: investigar los sentimientos que se refieren a la infidelidad matrimonial desde la visión de los estudiantes del Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ. **Método:** la muestra se compuso de cien individuos, heterossexuales, con edad promedio de 22,69 años, siendo 51 del sexo masculino y 49 del sexo femenino. Se ha utilizado una escala tipo Likert para medir el grado de acuerdo y desacuerdo de los respondentes relacionado a las creencias y a los sentimientos que tienen en relación a la ifidelidad matrimonial. Los resultados fueron analizados en términos de frecuencia y percentual. **Resultados:** con relación a haber traicionado o no a su compañero(a) en función del sexo, se obtuvo el percentual de 33% por parte de los hombres contra 11% de la mujeres; además, 40 % de la mujeres contra 16% de los hombres declararon nunca haber traicionado. Los sentimientos manifestados por los hombres en situación de infidelidad matrimonial fueron: arrepentimiento, remordimiento y aventura; y por las mujeres: aventura, angustia y remordimiento. Sobre la cuestión de haber sido o no traicionado por el compañero(a) 12% de los hombres contra 28% de la mujeres relataron haber pasado por esta experiencia; y 37% de los hombres contra 23% de las mujeres declararon que nunca fueron traicionados. **Conclusión:** se concluye que las mujeres se han mostrado más fieles y que, en los dos sexos, sentimientos de arrepentimiento, rabia y ganas de saber la razón están presentes tanto en los que traicionaron como en los que fueron traicionados. **Descriptores:** casamiento; sexualidad; adulto; asistencia.

¹Psicóloga Clínica, especializanda do grupo da Dor e Cuidados Paliativos do Hospital A. C. Camargo de São Paulo, Brasil. E-mail: morganapsi_84@hotmail.com; ²Psicóloga, psicoterapeuta, possui mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. Professora do Centro Universitário de João Pessoa, Paraíba, Brasil. Email: b_mello@terra.com.br; ³Psicóloga, mestra e doutora pela Universidade de Brasília. Professora e pesquisadora da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Brasil. E-mail: cristina_britodias@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A infidelidade é um tema que tem estado presente na história da humanidade e servido de inspiração aos mitos, poesias, romances, filmes, novelas, músicas, uma vez que envolve uma multiplicidade de sentimentos e motivações. Ele pode ser visto com maior ou menor naturalidade a depender da cultura, formação e valores que permeiam cada casal. É um tema polêmico e complexo, não só pelas repercussões que acarreta, como pela variedade de sentimentos que envolve.

O termo adultério está em desuso e é impregnado de significado jurídico, religioso e moral, enquanto a palavra infidelidade é neutra. Seja qual for o *status* da relação, legalizada ou não, a fidelidade é, quase sempre, uma exigência recíproca entre os parceiros, ou pelo menos uma expectativa. Cada casal tem seu sistema de regras sobre o que é ou não aceitável, o que é ou não infidelidade. Então, a infidelidade é todo ato que viola as regras estabelecidas pelo casal.¹

O adultério pode ser contra a lei ou contra a vontade de Deus, mas a infidelidade é contra o casamento e, dessa maneira, é um perigo mais relevante e mais pessoal. Ela é a mais perturbadora e desorientadora ação que um parceiro faz com o outro, não necessariamente por causa do sexo, mas por causa do segredo, das mentiras e da quebra da confiança e honestidade do relacionamento.²

A infidelidade pode incluir tanto o pensamento e a fantasia em relação a outra pessoa, que não aquela com quem o indivíduo mantém vínculo amoroso, como o ato sexual em si. Ela pode variar de um encontro, até situações que duram anos. Entre os diversos fatores que têm contribuído para o aumento da infidelidade destacam-se: a inserção da mulher no mercado e trabalho, que tem propiciado encontro com colegas, viagens, almoços, favorecendo situações de intimidade e confidências; os avanços tecnológicos, a exemplo da *internet* e do celular, que favorecem a aproximação entre as pessoas, podendo gerar maior envolvimento; a própria cultura em que vivemos, caracterizada por mais flexibilidade nos valores. No âmbito do casal apontam-se: a ocorrência de casos de infidelidade na família de origem; o fato de ambos os parceiros que trabalham estarem tão cansados e estressados, que vão se distanciando física e emocionalmente; a baixa autoestima que os leva a buscar nos relacionamentos extra-conjugais a afirmação de que necessitam; a evitação ou a não resolução dos conflitos no relacionamento que

levam ao acúmulo de insatisfação; o desequilíbrio permanente de poder na relação; os eventos de transição que geram estresse no casal, como é o caso do nascimento tardio de um filho ou neto, doença ou morte de um familiar, desemprego.^{3,4}

O significado atribuído à infidelidade e às motivações são variadas, assim como as circunstâncias da descoberta e os efeitos subsequentes. Em geral, as pessoas descrevem a si mesmas como “estranhas”, “fora de si”, e passam a adotar comportamentos irracionais quando descobrem que estão sendo traídas. No entanto, quando há afeto e a relação amorosa é satisfatória nos aspectos fundamentais, a crise desencadeada pela infidelidade pode favorecer uma intimidade mais profunda e uma relação baseada em apoio mútuo. Com isto, ocorre uma desmistificação da concepção que a infidelidade é sinal de falta de amor e que, necessariamente, acaba o relacionamento.⁵

Cerca de 50% dos indivíduos se envolvem com uma pessoa fora de seu relacionamento amoroso, em algum momento de suas vidas. A infidelidade pode fortalecer a união e levar os parceiros a aprofundar seu relacionamento; outras situações de infidelidade funcionam como fator de equilíbrio entre os parceiros, ajudando-os a sobreviver a casamentos frustrantes, sem terem que enfrentar o sofrimento decorrente da separação; ainda existem aquelas que são verdadeiros casos de amor, que enriquecem a vida dos envolvidos, embora optem por permanecer com seus parceiros; finalmente, há situações que desembocam na continuidade da relação porque o apego se desenvolveu e fica difícil terminar, ocasionando a separação dos parceiros.⁴

Quanto às motivações, a infidelidade também varia de acordo com o sexo, pois enquanto as mulheres alegam a necessidade de amor, cumplicidade, companhia e intimidade, os homens são mais propensos a dar justificativas de caráter sexual: novidade, mudança, experiência ou mera curiosidade.¹

Nos séculos XVIII e XIX, no Brasil, algumas mulheres pediram o divórcio, alegando este motivo, sendo a solicitação mais antiga datada de 1700. Essas separações atingiam indivíduos de diversas camadas sociais, sendo dissolvidos casamentos tanto de escravos, quanto de indivíduos de famílias tradicionais. Apesar de não ser a única causa, o adultério apareceu como motivo alegado pelas mulheres para solicitar o divórcio ao Tribunal Eclesiástico e, mais tarde, à Justiça Civil. Isto levou a uma nova compreensão do

comportamento feminino e também a um novo entendimento dos valores morais que norteavam a sociedade brasileira no passado.⁶

No Brasil colônia, a prática do adultério constituía-se em crime, cuja punição era a morte do infrator, sendo tolerado que o marido traído chegasse a matar a mulher e o seu amante, pois estaria defendendo sua honra. Com o passar dos anos, esta legislação suavizou-se, até que, enfim, uma alteração legislativa recente – Lei nº 11.106/05 – modificou de forma significativa os chamados crimes contra o casamento, previstos no Código Penal. Antes, estipulava-se para o adúltero uma pena máxima de seis meses de detenção. Hoje, entendendo que o objeto a ser protegido é a instituição da família e não a fidelidade conjugal, não cabe mais ao Estado proteger esta última.

A cultura também tem importância. Não faz tempo que o mundo inteiro assistiu ao drama de duas mulheres nigerianas condenadas à morte por apedrejamento, acusadas da prática de adultério. Na época, com o apoio de grupos de direitos humanos, elas foram salvas. Uma das mulheres, de 18 anos, argumentara que foi prometida em casamento a um homem que ainda era menor de idade e que a união não fora consumada. Neste caso, conforme a lei do país, a pena seria uma surra de chicote. Já a outra, com 25 anos, alegara que a sentença não foi justa, pois ficou grávida de um dos dois ex-maridos e mesmo assim as autoridades defendiam a pena de morte por apedrejamento.

O certo é que a suspeita de infidelidade conjugal tem sido responsável pelo avanço da violência, sobretudo contra as mulheres. A violência contra a mulher seja física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral, instigou a criação da Lei nº 11.340, popularmente denominada Lei Maria da Penha, de 7 de agosto de 2006, a qual classificou a violência doméstica como uma violação dos direitos humanos. Ela alterou o Código Penal e possibilitou que agressores sejam presos em flagrante ou tenham sua prisão preventiva decretada quando ameaçarem a integridade física da mulher.⁷ Na realidade, vivemos um paradoxo: enquanto algumas situações de violência tem como mola propulsora a suspeita ou mesmo a confirmação de infidelidade, por outro lado ela tem sido encarada com mais naturalidade, talvez como um reflexo da queda dos valores ou mesmo da fragilidade dos relacionamentos.

Na verdade, infidelidade conjugal é um assunto delicado e polêmico e ainda carente de pesquisas, especialmente na realidade nordestina. O fato é que essa situação produz

implicações no campo psicológico, sociológico, jurídico, familiar, emocional e biológico, levando a maioria das pessoas – as que traem e as que são traídas – a um estado de inquietação, desequilíbrio e até de desespero, quando não, algumas vezes, a uma demonstração de um potencial de violência antes nunca visto, contra si ou contra o outro.

Sem dúvida, a infidelidade aparece como responsável pelo rompimento de muitas uniões. Os casos e os depoimentos divulgados na literatura e na mídia indicam que, embora as mulheres pareçam entender a infidelidade como um direito dos homens, na prática, não a aceitam tão facilmente, interiorizando uma dor que nem sempre recebe compreensão e entendimento. Por outro lado, tem aumentado também a ocorrência de infidelidade por parte das mulheres.⁸⁻¹⁰

Pesquisas realizadas com jovens acerca de família e casamento tem constatado que os índices de infidelidade são significativos, com os homens suplantando as mulheres. A diferença provavelmente se deve ao fato da educação que meninos e meninas recebem, bem como às pressões sociais que ditam diferentes padrões de comportamento em função do sexo.¹¹

Após a breve revisão feita sobre alguns aspectos da infidelidade conjugal, nos interessamos em realizar esta investigação que objetivou investigar os sentimentos relacionados à infidelidade conjugal, na visão de estudantes do Centro Universitário de João Pessoa/UNIPÊ. Especificamente buscamos compreender as crenças e os sentimentos que permeiam o fato de terem traído ou serem traídos pelos parceiros, de acordo com o sexo.

Por ser uma experiência que pode ocasionar muito sofrimento aos envolvidos, achamos necessária a realização de mais pesquisas, especialmente na atualidade, caracterizada pela flexibilidade de normas e valores. Esperamos contribuir para a ampliação de conhecimentos sobre o tema, não só junto a alunos do referido centro universitário, como aos profissionais que venham a lidar com as pessoas envolvidas com este tipo de problema no seu relacionamento, a exemplo de médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e advogados.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de campo, do tipo exploratória e descritiva. Os participantes frequentavam períodos variados dos cursos de Direito, Ciências da Computação, Psicologia, Fisioterapia, Arquitetura e Ciências Contábeis.

A amostra constituiu-se de 100 sujeitos, heterossexuais, com média de idade de 23 anos, sendo 51 do sexo masculino e 49 do feminino. Inicialmente foi construído um pré-instrumento formado de quatro perguntas abertas sobre o tema, que foi aplicado a dez universitários com o objetivo de colher, preliminarmente, informações sobre os sentimentos e características mais recorrentes para as pessoas que traem e/ou que foram traídas.

Após sondagem extraída do pré-instrumento, elaborou-se o instrumento de pesquisa, composto de dois segmentos: o primeiro, contendo a caracterização sócio-demográfica do sujeito da pesquisa e o segundo constituído de três questões que contemplaram o fato de já terem traído ou serem traídos por alguém, bem como os sentimentos experimentados em tais situações, dispostos numa escala tipo Likert, de cinco pontos, onde os valores menores que três foram considerados como concordantes e os maiores que três, como discordantes. Sendo assim, a média que mais se aproxima de 1, significa maior concordância entre os participantes da pesquisa. O valor exato de

três é considerado “indiferente” ou “sem opinião”, sendo o “ponto neutro” equivalente aos casos em que os respondentes deixaram em branco.

Em seguida, foi feito o contato com universitários interessados em participar do estudo, os quais foram informados dos objetivos do mesmo, sendo-lhes apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi assinado. Vale salientar que a pesquisa obedeceu à Resolução 196 do CONEP. Para garantir o sigilo acerca da identidade dos participantes, os questionários recebidos foram identificados por números. Em seguida, procedeu-se à leitura de todas as respostas, sendo os dados conferidos, agrupados e dispostos em termos de frequência, percentual e desvio padrão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tabela 1 encontra-se a caracterização dos participantes.

Tabela 1. Frequência e percentual da caracterização sócio-demográfica dos participantes (N = 100). João Pessoa, 2009.

Variáveis	Níveis	n	%
Sexo	Feminino	51	51,0
	Masculino	49	49,0
	Total	100	100,0
Orientação Sexual	Heterossexual	100	100,0
	Total	100	100,0
Estado Civil	Solteiro (a)	89	89,0
	Casado (a)	10	10,0
	Divorciado (a)	01	1,0
	Total	100	100,0
Namora atualmente	Sim	72	73,5
	Não	26	26,5
	Não respondeu	02	2,0
	Total	100	100,0
Curso	Psicologia	18	18,4
	Direito	33	33,7
	Arquitetura	08	8,2
	Ciências da Computação	20	20,4
	Fisioterapia	15	15,3
	Ciências Contábeis	04	4,1
	Não respondeu	02	2,0
	Total	100	100,0

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Observa-se, pelos dados da tabela 1, que entre os 100 universitários 51% foram do sexo feminino e 49% do sexo masculino, todos heterossexuais, sendo 1% divorciado, 10% casados e 89% solteiros. Desses respondentes, 73,5% disseram que estavam namorando no período da coleta dos dados. A distribuição dos participantes em seus respectivos cursos apresentou, em ordem decrescente, os seguintes percentuais: Direito (33,7%),

Ciências da Computação (20,4%), Psicologia (18,4%), Fisioterapia (15,3%), Arquitetura (8,2%), Ciências Contábeis (4,1%) e 2% não responderam a qual curso pertenciam. A média de idade dos participantes foi 22,69 com desvio-padrão igual a 4,46, variando de 18 a 52 anos.

Na tabela 2 constam as médias e desvios padrão das características e motivações atribuídas às pessoas que traem.

Tabela 2. Média e desvio-padrão das características e motivações atribuídas aos indivíduos que traem (N = 100). João Pessoa, 2009.

Itens	Média	Desvio-padrão
Moleza de caráter	2,59	1,05
Fraqueza diante da tentação	2,21	1,11
Ostentação de poder	3,26	1,11
Vulnerabilidade emocional	2,52	1,15
Fantasia pelo outro	2,39	0,98
Desejo pelo outro	2,17	0,93
Falta de respeito	2,19	1,38
Vingança	3,07	1,16
Falsidade	2,65	1,20
Deslealdade	2,19	1,19
Falta de amor	2,75	1,29
Problemas no relacionamento	2,44	1,09
Falta de paixão pelo parceiro	2,86	1,20
Ato de covardia	2,82	1,40

Fonte: Dados coletados nesta pesquisa.

Na opinião dos respondentes, verifica-se que a falta de respeito, a deslealdade e o desejo pelo outro foram as características de

maior intensidade atribuídas aos seres humanos em situações de infidelidade.

A tabela 3 apresenta os resultados em relação ao fato de ter traído o parceiro.

Tabela 3. Frequência e percentual com relação a ter traído ou não o parceiro, em função do sexo (N = 100). João Pessoa, 2009.

Sexo	Já traiu?				Total	
	Sim		Não		N	%
	N	%	N	%		
Masculino	33	33,0	16	16,0	49	49,00
Feminino	11	11,0	40	40,0	51	51,00
Total	44	44,0	56	56,0	100	100,0

Fonte: Dados coletados nesta pesquisa.

Por sua vez, na questão com relação a ter traído ou não o parceiro em função do sexo, 33% dos homens contra 11% das mulheres declararam já haver traído; e 40% das mulheres contra 16% dos homens disseram nunca haver traído. Esses dados permitem concluir serem as mulheres menos infiéis, o que corrobora que os homens traem mais que as mulheres¹². No entanto, há evidências que a traição acontece corriqueiramente sendo vista como algo justificável, para ambos os sexos, utilizando a desculpa da famosa “tentação”¹³⁻⁴. Nos dias de hoje, as mulheres

se expõem bem mais à infidelidade.⁹ O fato é que, apesar das mudanças de comportamento relacionadas às diferenças de sexo e o aumento do índice de infidelidade observado com o passar dos anos, a fidelidade conjugal ainda continua sendo um grande valor na vida de muitas pessoas¹³, como se confirma na opinião da maioria das mulheres que responderam ao questionário desta pesquisa.

Na tabela 4 constam os resultados em relação aos sentimentos vivenciados por ocasião de infidelidade conjugal.

Tabela 4. Média e desvio-padrão dos sentimentos experimentados em situações de infidelidade conjugal por homens e mulheres. João Pessoa, 2009.

ITENS	Homens (N=33)		Mulheres (N=11)	
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Tristeza	2,48	1,06	2,82	0,98
Remorso	2,09	1,15	2,00	0,77
Arrependimento	1,97	0,91	2,27	1,10
Desespero	3,39	1,29	3,27	0,90
Auto-aversão	3,52	1,14	2,82	1,07
Culpa	2,30	1,21	2,18	0,87
Medo	2,85	1,39	2,27	1,27
Vingança	3,70	1,21	3,18	1,32
Decepção	3,09	1,18	2,27	0,90
Vergonha	2,91	1,33	2,45	0,82
Angústia	2,88	1,38	2,00	0,89
Atração	2,45	1,27	2,18	1,16
Aventura	2,24	1,25	1,82	0,98
Desconfiança	3,42	1,20	2,36	0,92
Prazer	2,42	1,27	2,55	1,03
“Status”	3,79	1,16	4,00	1,09

Fonte: Dados coletados nesta pesquisa.

Quanto aos sentimentos expressos em situações de infidelidade conjugal pelos

homens, foram destacados: o arrependimento, o remorso e a aventura. Entre as mulheres,

foram realçados: a aventura, a angústia e o remorso.

Entre os sentimentos vivenciados pelos homens que traem, destaca-se o de se sentir potente como motivação para a traição.¹⁵ Porém, os homens que traem também apresentam os sentimentos de arrependimento e remorso. Ao se referir às mulheres, as mesmas traem para conseguir afirmar sua identidade feminina.¹⁵ A crise no seu relacionamento e a atração física são as maiores motivações para a infidelidade feminina¹⁴. Isto se confirma nesta pesquisa, pois boa parte das mulheres, que já traiu seus parceiros, o fizeram por aventura ou por

atração física e manifestaram sentimentos de remorso e/ou angústia.

A atração física é uma das maiores causas da infidelidade feminina e isso se dá pela maior possibilidade de convivência entre os sexos, que tem favorecido diversos tipos de relacionamentos. Na metade do século XX, as transformações e o surgimento de meios de contracepção constituíram-se em fator que permitiu ao casal utilizar a prática do sexo com maior liberdade e menos preocupações.¹⁶

Na tabela seguinte apresentamos os resultados em relação ao fato de sido traído(a).

Tabela 5. Frequência e percentual com relação a já ter sido traído ou não pelo parceiro, em função do sexo (N = 100). João Pessoa, 2009.

Sexo	Já foi traído?				Total	
	Sim		Não		N	%
	N	%	N	%		
Masculino	12	12,0	37	37,0	49	49,00
Feminino	28	28,0	23	23,0	51	51,00
Total	40	40,0	60	60,0	100	100,0

Fonte: Dados coletados nesta pesquisa.

A tabela 5 mostra que 12% dos homens contra 28% das mulheres relataram ter sido traídos, enquanto 37% dos homens e 23% das mulheres disseram que nunca o foram. Estes dados, ao assegurarem que as mulheres são mais fiéis, confirmam que, mesmo com as modificações decorrentes da emancipação feminina e a maior tolerância em relação à infidelidade, os homens traem mais que as

mulheres¹². Justifica-se tal fato pelo que as mulheres são muito mais traídas que os homens, apresentando uma disparidade de mais de 50%.

Na Tabela 6 encontram-se as médias e os desvios-padrão dos sentimentos experimentados após o fato de terem sido traídos.

Tabela 6. Média e desvio-padrão com relação aos sentimentos experienciados após terem sido traídos. João Pessoa, 2009.

ITENS	Homens (N=12)		Mulheres (N=28)	
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Desejo de vingança contra o(a) companheiro(a)	2,36	0,80	2,67	1,46
Desejo de vingança contra o rival	3,00	1,09	2,85	1,53
Infelicidade generalizada	2,36	1,02	2,96	1,65
Vontade de saber o motivo	1,55	0,52	1,56	0,80
Raiva	1,73	0,78	1,56	0,84
Indignação	1,91	0,94	1,89	1,18
Sentimento de desrespeito	2,36	1,20	1,48	0,64
Ódio	2,45	1,36	2,33	1,33
Decepção	1,73	0,90	1,74	0,94
Angústia	2,27	1,42	1,93	1,10
Tristeza	1,73	0,90	1,96	1,19
Mágoa	1,91	0,94	1,63	0,83
Dúvida	2,55	1,12	2,30	1,26
Frustração	2,18	0,87	2,56	1,47

Fonte: Dados coletados nesta pesquisa.

Experienciar uma infidelidade é sempre doloroso, o que faz aflorar sentimentos diversos. Nesta pesquisa, como mostra a Tabela 6, os sentimentos mais relatados pelos homens, após terem sido traídos, foram: vontade de saber o motivo, raiva e decepção. Entre as mulheres se sobressaíram: desrespeito, raiva e de vontade de saber o motivo. Eles confirmam dados obtidos em outra pesquisa¹², segundo a qual os sentimentos mais exteriorizados pelas pessoas

traídas são: raiva, vergonha, ciúme e medo da perda.

O desrespeito apareceu como um dos motivos mais relevantes para justificar o sentimento de uma mulher traída, o que confirma o maior índice pontuado pelas mulheres, participantes da pesquisa, que assumiram que foram traídas.¹⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a antiguidade a infidelidade conjugal tem sido praticada, trazendo sérias consequências para os envolvidos e para a relação do casal. Embora seja um tema repleto de tabus e preconceitos, é merecedor de cuidados e atenção por parte dos profissionais da saúde mental, em virtude do sofrimento que ocasiona. Isto foi o que motivou a realização da presente investigação com jovens universitários acerca do tema.

Entre as conclusões que podemos tirar destacamos: 1. As mulheres declararam ser menos infiéis; 2. Na atualidade, a infidelidade conjugal ocorre de forma rotineira sendo vista como algo justificável e, por vezes, até aceitável por ambos os sexos, sob a desculpa de tratar-se de uma tentação incontrolável; 3. Apesar da maior flexibilidade nos costumes, a fidelidade continua como um grande valor na vida de muitas pessoas; 4. Os principais sentimentos e motivações manifestados pelos homens, em situação de infidelidade conjugal foram: remorso, arrependimento e aventura. Entre as mulheres destacaram-se: remorso, angústia e aventura; 6. Os principais sentimentos manifestados pelas mulheres traídas foram: raiva, vontade de saber o motivo e desrespeito. Entre os homens sobressaíram-se: vontade de saber o motivo, raiva e decepção; 7. Existe diferença entre a infidelidade feminina e a masculina, que diz respeito não apenas à reação de quem é traído, como também à motivação de quem trai.

Reconhecemos as limitações do estudo, uma vez que se trata de um estudo inicial sendo necessário aprofundar o assunto. Os resultados estão restritos a uma parcela de jovens de uma determinada classe social e de uma cidade nordestina. Contudo, esperamos ter dado uma contribuição aos profissionais que lidam com jovens, casais e famílias acerca dos motivos e sentimentos que permeiam a infidelidade.

Para lidar com o tema, entretanto, é necessário que o profissional esteja bem preparado e isento de julgamentos; que acolha o sofrimento dos envolvidos com respeito e consideração, a fim de possibilitar a abertura e a reelaboração da situação visando ao bem-estar dos parceiros.

REFERÊNCIAS

1. Matarazzo MH. Encontros, desencontros, reencontros. São Paulo: Gente; 2003.
2. Pittman F. A infidelidade e a traição da intimidade. Porto Alegre: Artes Médicas; 1994.
3. Sattler MK. A fidelidade saiu de moda? Pensando famílias. 2002; 4(4):49-55.
4. Prado LC. O casamento e as relações extraconjugais. In: Osório LC, Valle MEP. Organizadores. Manual de Terapia Familiar. Porto Alegre: Artmed; 2009. p.401-15.
5. Nabarro NR, Ivanir S. A terapia dos casais de meia-idade em crise devido a uma relação extraconjugal. In: Andolfi, M. Organizador. A crise do casal, uma perspectiva sistêmico-relacional. Porto Alegre: Artmed; 2002. p. 29-72.
6. Silva TMG. Você acha que a gente vai poder com homem? Práticas conjugais entre mulheres das camadas populares. [Tese]. Curitiba: Departamento de História, Universidade Federal do Paraná; 2007.
7. Andrade SMO. Opinião sobre AIDS e formas de mudanças de comportamento de heterossexuais masculinos. Caderno Saúde Pública. 1991;7(1):45-68.
8. Brasil. Lei nº11.340, de 7 de agosto de 2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Brasília; 2006.
9. Féres-Carneiro T. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. Estudos de Psicologia (Natal). 2003; 8(3):367-74.
10. Nóbrega SM da, Fontes EPG, Paula FMSM. Do amor e da dor: representações sociais sobre o amor e o sofrimento psíquico. Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco. Acesso em: 2007 dez 04. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi>
11. Jablonski B. Atitudes e expectativas de jovens solteiros frente à família e ao casamento: duas décadas de estudos. In: Féres-Carneiro T. Organizadora. Casal e família: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2009. p.109-34.
12. Almeida T. Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: Incidências e relações. [Dissertação]. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo; 2007. 234p.
13. Goldenberg M. Infiel: notas de uma antropóloga. Rio de Janeiro: Record; 2006.
14. Weid O. Perdoa-me por te trair: um estudo antropológico sobre a infidelidade feminina. Revista Habitus. 2004; 2(1). Acesso em: 2008 maio 13. Disponível em: www.habitus.ifcs.ufrj.br
15. Reis MM. Infidelidade: novas posturas, velhos valores. Centro Multidisciplinar de Diagnóstico e Tratamento em Sexualidade. São Paulo. Acesso em: 2008 maio 22. Disponível em:

<http://www.annex.com.br/artigos/margarethmfr3.asp>

16. Galano MH. Família e história: a história da família. In: Cervený CMO. Organizadora. Família e...). São Paulo: Casa do Psicólogo; 2006. p.115-147.

Sources of funding: No
Conflict of interest: No
Date of first submission: 2009/08/01
Last received: 2009/09/10
Accepted: 2009/09/11
Publishing: 2009/10/01

Corresponding Address

Morgana do Nascimento Andrade
Av Buarque, 252/204
Cabo Branco
CEP: 58045-160 – João Pessoa (PB), Brazil